

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA

UMA PROFISSÃO DE MUITAS E DIFERENTES MULHERES

Resultado preliminar da pesquisa 2012



CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA

Quem são as psicólogas brasileiras?

Louise A. Lhullier, Jéssica J. Roslindo, Raul A. L. Cesar Moreira
Fevereiro de 2013

O texto apresenta e faz algumas considerações preliminares sobre os resultados referentes às psicólogas brasileiras, provenientes de um estudo nacional realizado no primeiro semestre de 2012 pelo Conselho Federal de Psicologia.

1. Apresentação	4
2. Na Psicologia brasileira, nove em cada dez profissionais são mulheres	4
3. As psicólogas brasileiras: dados de perfil	5
4. Trabalho	7
5. Renda e poder aquisitivo	11
6. A formação complementar, a pós-graduação.....	14
7. Principais autores e autoras de referência	16
8. Relacionamentos e filhos	18
9. O trabalho doméstico.....	22
10. O cuidado de si	24
11. Experiências pessoais como vítimas de violência física ou psicológica.....	24
12. Considerações finais.....	26
Referências.....	29

1. Apresentação

A partir da constatação de haver uma enorme maioria de mulheres na composição do quadro de profissionais de Psicologia, de cerca de 90%, o Conselho Federal de Psicologia encomendou uma pesquisa de abrangência nacional, para avaliar aspectos quantitativos e qualitativos de dimensões que possam contribuir para a compreensão da influência feminina sobre o exercício profissional.

O objetivo da pesquisa é investigar as formas de pensar e viver das profissionais psicólogas, suas concepções sobre profissão, gênero e trabalho, além de sua condição como mulheres trabalhadoras. A pesquisa deu sequência à série de estudos que se realizam sobre a profissão há várias décadas. Além disso, serviu para dar início a um novo olhar nas pesquisas sobre a profissão, majoritariamente feminina.

Assim, na fase quantitativa, foram realizadas 1331 entrevistas com psicólogas, que compuseram uma amostra probabilística, selecionada a partir do cadastro de profissionais fornecido pelo CFP. A técnica empregada na coleta de dados foi a de entrevistas individuais por telefone, por meio de sistema CATI (*Computer Assisted Telephone Interviews on-line*)¹, tendo como instrumento de coleta um questionário por cinquenta e cinco questões abertas e fechadas.

Essa investigação será publicados pelo Conselho Federal de Psicologia em dois livros, um com análise quantitativa, previsto para o início de abril de 2013 e o outro, com análise qualitativa, previsto para o segundo semestre de 2013.

Este artigo online corresponde aos resultados preliminares da fase quantitativa, tratando-se de uma análise eminentemente descritiva, que visa mais dar publicidade aos dados coletados à debatê-los, o que será feito em publicações e eventos que se seguirão.

2. Na Psicologia brasileira, nove em cada dez profissionais são mulheres

Os resultados da pesquisa CFP/2012 sobre a composição do universo de profissionais da Psicologia brasileira não foram discrepantes em relação ao cenário retratado pelos estudos que a antecederam. Ou seja, a pesquisa constatou que as mulheres constituem 89% da categoria, a partir de dados sobre a população levantados diretamente do cadastro do CFP e que orientaram o cálculo da amostra.

¹ A tecnologia CATI (*Computer Assisted Telephone Interviews on-line*) opera por meio de questionários digitalizados, preenchidos na tela pelos entrevistadores a partir das respostas dos entrevistados. A digitalização dos questionários permite a automatização de vários processos, reduzindo significativamente as possibilidades de erro humano e agilizando o processamento dos dados.

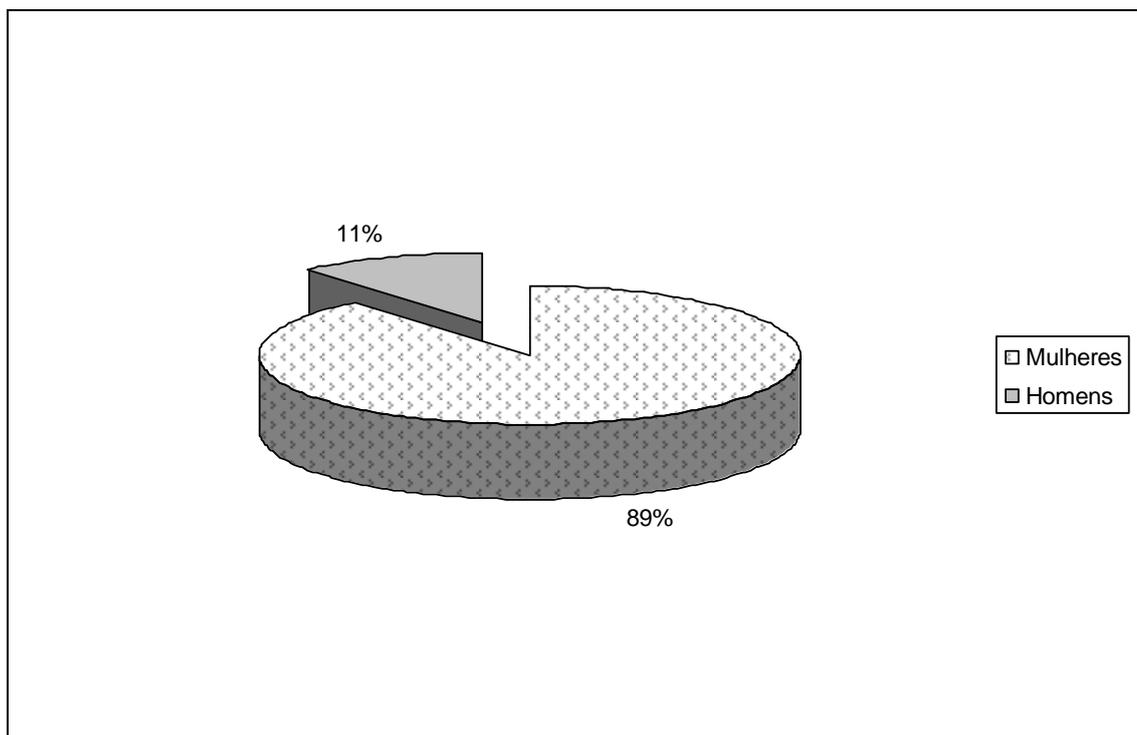


Figura 1 – Proporção de psicólogas e de psicólogos no Brasil

Fonte: Cadastro do Conselho Federal de Psicologia (2012)

Ao comparar este percentual de 89% com aqueles encontrados pelos estudos anteriormente realizados pelo CFP, verifica-se que não houve alteração significativa nessa proporção desde 1988², quando o total de psicólogas atingia 87% dos profissionais com condições legais para o exercício profissional. Em pesquisa realizada pelo IBOPE para o CFP em 2004, com profissionais inscritos no Conselho, o percentual de psicólogas no total da amostra foi de 91%.

3. As psicólogas brasileiras: dados de perfil

A grande maioria das psicólogas brasileiras (76%) tem entre 30 e 59 anos e o percentual das que têm até 29 anos é mais que o dobro das maiores de 60. O envelhecimento da população brasileira ainda não se reflete na profissão, pois o censo de 2010 (IBGE) apontou que 10,8% da população feminina no Brasil têm 60 anos ou mais.

Mas esse resultado não é surpreendente, tendo em vista a expansão dos cursos de graduação em Psicologia no país e o conseqüente aporte de jovens profissionais no mercado de

² Conselho Federal de Psicologia. (1988). *Quem é o psicólogo brasileiro?* São Paulo: Edicon.

trabalho. A figura 2 reflete essa realidade, na medida em que, quanto menor a faixa etária, a partir dos 30 anos, maior o percentual de profissionais. A faixa dos 20 aos 30 escapa a essa lógica, provavelmente devido ao fato de que a maioria dos profissionais se gradua com 22 anos ou mais.

<i>Faixa Etária (em anos)</i>	<i>Frequência em %</i>
20 a 29	17
30 a 39	34
40 a 49	23
50 a 59	19
60 anos ou mais	6

Figura 2. Distribuição das psicólogas brasileiras por faixa etária.

Base: 1331 respondentes. Resposta única e estimulada.

Fonte: Cadastro do Conselho Federal de Psicologia (2012)

Foi solicitado às entrevistadas que indicassem como se definem em termos de cor ou raça. A formulação dessa questão suscitou muitos debates quando da elaboração do questionário. Finalmente, optou-se por seguir o padrão do IBGE, para garantir a comparabilidade dos dados, já que não se chegou a um acordo, entre os pesquisadores, sobre outro critério superior a esse. Segundo Osório (2009), em *Classe, raça e acesso ao ensino superior no Brasil*, a definição de raça e de grupos raciais é tão controversa quanto a de classe. No entanto, diz ele,

Para operacionalizar o conceito de raça a partir da Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílio, é preciso empregar o quesito ‘cor ou raça’, segundo o qual as pessoas entrevistadas se classificam em uma de seis categorias: branca, parda, preta, amarela, indígena e ignorada. Esse sistema classificatório é usado pelo IBGE quase sem modificações desde o censo de 1940. (p. 869)

Muito estudado e criticado, o conceito já demonstrou, contudo, ser adequado para o estudo das desigualdades raciais no Brasil, a despeito da complexidade do fenômeno, como apontam diversos autores (Petruccelli, 2000; Osório, 2003; Rocha e Rosemberg, 2007).

Na pesquisa atual, 67% das entrevistadas afirmaram ser de raça ou cor branca e 25% se declararam pardas. O percentual das que se declararam “pretas”, “amarelas” ou indígenas foi muito pequeno. Os dados sobre a distribuição entre as três primeiras categorias – branca, parda e preta – estão muito distantes da realidade da população brasileira, em que os percentuais são, respectivamente, 48,7%, 43,1% e 7,6% (IBGE, Censo Demográfico de 2010). Quanto à amarela e indígena, não foram verificadas diferenças importantes entre as duas populações.

<i>Cor ou raça declarada</i>	<i>Frequência em %</i>
Branca	67
Parda	25
Preta	3
Amarela	3
Indígena	1
Não sabe dizer	1

Figura 3. Distribuição das psicólogas brasileiras por cor ou raça declarada

Base: 1331 respondentes. Resposta única e estimulada.

Fonte: Dados da pesquisa

Essa diferença não surpreende, pois a predominância de brancos sobre negros e pardos no ensino superior é amplamente reconhecida, tendo dado origem, inclusive, a políticas governamentais de acesso às universidades públicas que visam facilitar o acesso de estudantes negros ao ensino universitário.

Cabe destacar, ainda, que um artigo publicado em 1984 na revista *Psicologia: ciência e profissão*, intitulado “Eu, mulher, psicóloga e negra”, é um dos poucos encontrados que articulam as categorias: mulher, psicóloga e negra.

O fato de não nos surpreendemos com a distribuição das psicólogas por raça/cor não significa uma naturalização ou uma aceitação. Ao contrário, entendemos que a baixa representatividade de mulheres negras e pardas na profissão constitui mais uma evidência da desigualdade de oportunidades e um obstáculo à abertura para a diversidade, um desafio que a Psicologia precisa enfrentar.

98% das psicólogas brasileiras acessam a Internet, o que representa um avanço em relação à pesquisa de 2004, quando esse percentual era de 90%.

4. Trabalho

53% das entrevistadas exercem exclusivamente a profissão de psicólogas. Esse percentual é um pouco mais baixo que o aferido em 2004, quando foi de 59%. Atualmente, outras 10% a têm como sua principal atividade profissional.

Um dado de interesse especial para esta pesquisa é que apenas 1% das entrevistadas declarou trabalhar com questões de gênero, um dado que evidencia o quanto as relações de poder entre os sexos ainda são pouco presentes como um problema de pesquisa e ação para a Psicologia, da mesma forma que os temas do feminino e da mulher. Reforça, portanto, a importância da problematização proposta nesta coletânea (a ser publicada....), ao destacar o

desequilíbrio entre a superioridade numérica das mulheres e a supremacia masculina nas posições de destaque na categoria, e a falta de um questionamento mais efetivo da referência masculina – o psicólogo – ser uma constante em todos os estudos sobre a profissão, décadas após a ascensão dos movimentos feministas e de todas as conquistas da mulher como sujeito de direitos.

<i>Atuação como psicóloga</i>	<i>Frequência em %</i>
Exclusivamente psicóloga	53
Não exerce, mas pretende exercer	15
Exerce, mas não é a sua principal atividade	11
É sua principal atividade, mas não a única	10
Já exerceu, mas não mais	4
Não exerce e não pretende exercer	4
Não exerce nenhuma atividade remunerada	4

Figura 4. Distribuição das psicólogas quanto ao exercício da profissão

Base: 1331 respondentes. Resposta única e estimulada.

Fonte: Dados da pesquisa

Quanto à sua atividade principal na Psicologia, definida como aquela que lhes proporciona maior renda, 45% indicaram a área da Saúde. As demais áreas foram indicadas em percentuais bem menores, de 12% (Organizacional/Trabalho/RH e, com o mesmo percentual, Educação), 10% (Assistência Social) ou menos. Essa supremacia da Saúde como principal área de atuação certamente pode ser relacionada ao fato de termos hoje cerca de 40.000 psicólogas e psicólogos atuando profissionalmente na área do SUS, conforme o Cadastro Nacional dos Estabelecimentos de Saúde – CNES (Macedo et al., 2011). Da mesma forma, as 10% que indicaram a Assistência Social como principal atividade não causam estranheza quando se considera que há mais de 20.000 profissionais da Psicologia atuando no âmbito do Serviço Único de Assistência Social – SUAS, segundo o Censo SUAS 2011.

No entanto, a clínica foi mencionada por apenas 3%, um resultado que pode ser atribuído à definição dada à atividade principal na Psicologia como “aquela que proporciona a maior renda”.

<i>Área de atuação como psicóloga</i>	<i>Frequência em %</i>
Saúde	45
Trabalho / Organizacional / RH	12
Educação	12

Assistência social	10
Mobilidade urbana e trânsito / transportes	4
Mundo jurídico	4
Clínica	3
Comunidade / projetos sociais / ONGs	3
Direitos humanos	2
Comunicação social	1
Formação	1
Questões de gênero	1
Outras respostas	2

Figura 5. Distribuição das psicólogas quanto à principal área de atuação na Psicologia
Base: 985 respondentes. Resposta única e estimulada.
Fonte: Dados da pesquisa

Quanto ao local onde exercem essa atividade principal, a pesquisa mostrou que a proporção das que indicaram o consultório particular (34%) é bem maior que a das que indicaram outros locais. Mas essa proporção é menor em relação à de 41% verificada na pesquisa de 2004. O dado de 8% que trabalham em unidades do SUAS é compatível com os 10% que indicaram “assistência social” como sua principal atividade, na medida em que os 2% restantes podem se referir a atividades assim designadas que se desenvolvam em outros locais.

<i>Local onde exerce atividade principal como psicóloga</i>	<i>Frequência em %</i>
Consultório particular	34
Organizações privadas	12
Hospital psiquiátrico	11
Organizações públicas	11
Unidades do SUAS	8
Clínicas particulares	6
Unidades do SUS	6
Associações / movimentos sociais / ONGs	4
Universidades	4
Escolas particulares	4
Hospitais não-psiquiátricos	3
Escolas públicas	3
Poder judiciário	2

Polícia e penitenciárias	1
Clínica não-governamental – atendimento gratuito ou com pagamento simbólico para população de baixa renda	1
Comunidades terapêuticas	1
Outros	3

Figura 6. Distribuição das psicólogas quanto ao local ou locais onde exercem sua atividade principal na Psicologia

Base: 985 respondentes. Respostas múltiplas e espontâneas.

Fonte: Dados da pesquisa

Como se viu acima, apenas 3% indicaram a clínica como sua principal atividade na Psicologia, ou seja, a atividade que lhes proporciona a maior renda no exercício da profissão. A pergunta seguinte foi quantas horas dedicam a essa principal atividade e, logo em seguida, em que local ou locais a desenvolvem.

Quando realizamos um cruzamento de dados entre as respostas sobre essa atividade principal e sobre os locais onde as exercem, constatamos que 65% das psicólogas que indicaram o consultório particular, responderam “saúde” como sua principal atividade, enquanto apenas 6% dentre elas apontaram a “clínica”. 7% indicaram “educação” e as demais (22%) se distribuíram em percentuais menores pelas mais diversas áreas. Qual o sentido ou quais os sentidos que podemos atribuir a esse dado? Então o consultório particular não é mais o lugar privilegiado da clínica, mas o da saúde e também de outras atividades? Esse resultado colocou uma pergunta que não pode ser respondida no âmbito desta pesquisa. Será que se trata de uma atribuição de um novo sentido ao trabalho de consultório? Além disso, mais um sentido à Psicologia? Isso traduz uma mudança de paradigma?

Ou haveria aí também um efeito dos convênios e planos de saúde, que incluem o psicólogo enquanto prestador de serviços “de saúde”? Pode-se pensar, nessa perspectiva, que os rendimentos dos psicólogos que trabalham principalmente em seu consultório provêm de convênios e planos de saúde e não de atendimentos particulares? E, talvez, que realizam outras atividades mais rentáveis, não-clínicas, utilizando para isso o espaço de seu consultório?

Quanto ao número de horas dedicadas a essa atividade principal há uma grande dispersão, mas os números não se organizam em uma curva normal. Ao contrário, há uma concentração de 35% das psicólogas que trabalham entre seis e 20 horas por semana nessa atividade e outra de 46% que dedicam a ela entre 30 e 44 horas semanais. Devido à maneira como os dados foram organizados na pesquisa de 2004 não é possível comparar esses resultados com os anteriores.

Outro dado que chama a atenção é que 23% – quase ¼ desse universo – trabalham apenas 14 horas semanais ou menos em sua atividade principal na Psicologia. Mas aqui, a diferença na sistematização dos dados na pesquisa de 2004 não impede que se verifique quanto a esse aspecto, que alguma mudança, se houve, não foi acentuada, pois, naquela ocasião, 27% trabalhavam até 15 horas nessa atividade.

<i>Número de horas semanais na atividade principal como psicóloga</i>	<i>Frequência em %</i>
Até 5 horas	6
6 a 14 horas	17
15 a 20 horas	18
21 a 29 horas	6
30 a 39 horas	22
40 a 44 horas	24
Mais de 45 horas	4
Não responderam	2

Figura 7. Distribuição das psicólogas quanto ao número de horas semanais que dedicam à sua atividade principal na Psicologia

Base: 985 respondentes. Resposta única e espontânea.

Fonte: Dados da pesquisa

5. Renda e poder aquisitivo

62% das psicólogas afirmaram que 91% a 100% de seus rendimentos provêm da Psicologia. Apenas 27% retiram daí 50% ou menos do que ganham com seu trabalho.. Em outras palavras, a maioria tem no exercício da Psicologia sua maior fonte de renda.

<i>Parcela dos rendimentos proveniente da atividade como psicóloga</i>	<i>Frequência em %</i>
91% a 100%	62
81% a 90%	1
61% a 80%	5
51% a 60%	2
41% a 50%	6
31% a 40%	3
21% a 30%	7
11% a 20%	4
1% a 10%	4

Nada	3
------	---

Figura 8. Distribuição das psicólogas quanto ao percentual dos seus rendimentos que provêm do seu trabalho na Psicologia

Base: 985 respondentes. Resposta única e espontânea.

Fonte: Dados da pesquisa

Como seria de esperar, quanto maior a renda proveniente do exercício da Psicologia, maior sua participação no total dos rendimentos das entrevistadas.

O conjunto dos dados mostra que 52% das psicólogas recebem até cinco salários mínimos mensais no exercício da Psicologia. Essa proporção era bem menor na pesquisa de 2004: 23%. No entanto, naquela pesquisa 26% das respostas caíram na categoria “não tem”, traduzida na pesquisa atual para “nada”, correspondente a 4% das respostas. Portanto, supõe-se que o trabalho não remunerado na Psicologia teve uma queda bastante acentuada nos últimos oito anos, o que é compatível com o que vem ocorrendo no país em termos de crescimento dos níveis de emprego. Uma parcela maior de psicólogas está recebendo uma remuneração por seu trabalho, embora os rendimentos provenientes da Psicologia, de uma maneira geral, não sejam elevados. Por outro lado, esse dado é compatível com a alta incidência do trabalho em tempo parcial na profissão, mostrado na figura 7.

15% das psicólogas ganham mais de 10 salários mínimos. Em 2004, esse percentual era de 17%. Mas uma análise mais detida dessas diferenças – que não nos propomos a fazer aqui – deverá levar em conta os ganhos reais do salário mínimo no período 2004-2012.

Embora a diminuição da diferença salarial entre homens e mulheres seja uma pauta política, econômica e social menos “invisível” atualmente, Bruschini e Lombardi (2001) analisam esse fenômeno muito mais pela queda no salário dos homens do que necessariamente pelo aumento no salário das mulheres. Nas palavras das autoras, “as mulheres continuaram a ganhar menos que os homens independente do setor de atividade econômica em que trabalham, do tamanho da sua jornada de trabalho, do número de anos de estudo³ ou da sua posição na ocupação” (p. 29). Como a psicologia é uma profissão “feminina”, pelo menos em termos quantitativos, não surpreende que os salários, de uma maneira geral, não sejam elevados.

<i>Rendimentos mensais provenientes da psicologia (em salários mínimos)</i>	<i>Frequência em %</i>
Até 1	4
+ de 1 a 2	12

³Lembrando que o nível escolar das mulheres ultrapassa o dos homens, logo a partir do segundo grau (Bruschini e Lombardi, 2001).

+ de 2 a 3	13
+ de 3 a 5	23
+ de 5 a 10	17
+ de 10 a 20	8
+ de 20	6
Nada	4
Não informaram	12

Figura 9. Distribuição das psicólogas em relação a quanto ganharam com o exercício da Psicologia no semestre anterior à pesquisa (renda mensal total)

Base: 985 respondentes. Resposta única e espontânea.

Fonte: Dados da pesquisa

Em outro texto, Bruschini e Lombardi (2010a) concluem que

quanto mais elevada a escolaridade, maiores as chances de obter melhores rendimentos. Se isso é verdadeiro para trabalhadores de ambos os sexos, porém, parece se aplicar mais a eles do que a elas. Observando os rendimentos dos que atingiram os mais altos níveis de escolarização – 15 anos e mais, i.e., que cursaram uma faculdade, tem-se que 30% dos homens e apenas 10% das mulheres tinham rendimentos superiores a 10 SM em 2007.

No caso da presente pesquisa esse são 15% que recebem mais de 10 salários mínimos mensais, mas não há como afirmar até que ponto há uma diferença real entre a população de mulheres brasileiras que têm um diploma universitário, em geral, e as psicólogas, em particular, pois, além da diferença ser pequena, cinco anos separam os dois estudos, em um período caracterizado por mudanças importantes na economia brasileira.

67% das psicólogas acreditam que sua profissão tem ajudado a melhorar seu poder aquisitivo nos últimos anos. Localiza-se aqui uma diferença muito importante em relação à pesquisa realizada pelo CFP, em 2004, quando apenas 48% responderam “sim” a essa questão. As psicólogas têm hoje, portanto, uma avaliação mais positiva sobre os rendimentos provenientes de seu exercício profissional.

68% das psicólogas sustentam no máximo a si próprias com a renda proveniente do exercício da profissão. Em 23% dos casos, essa renda não é suficiente para sustentar totalmente nem a própria entrevistada. De outro lado, apenas 14% sustentam a si próprias e duas pessoas ou mais com essa renda.

Foi constatada uma relação direta entre o número de pessoas sustentadas pela renda proveniente do exercício da Psicologia e o valor dessa renda.

31% das mulheres declararam participar com 51% ou mais no orçamento familiar.

Ainda no que diz respeito à questão salarial, é possível afirmar que esmiuçando as diferenciações entre homens e mulheres, nas subcategorias também foram encontrando outras desigualdades, como, por exemplo, no que diz respeito à raça/etnia. A hierarquia de salários segue a ordem respectiva: homens brancos, mulheres brancas, homens negros e, por fim, mulheres negras (Bruschini e Lombardi, 2001). Esse dado evidencia o quanto mulheres negras ocupam o que as autoras chamam de "posição duplamente desfavorável", uma vez que são marcadas pela norma de etnia/raça e pela norma de gênero (idem, ibidem). Partindo da verificação de que a cada ano a desigualdade entre homens e mulheres diminui, em postos de chefia bem como em relação a salários e que tal tendência não se observa quando se fala em pessoas negras ocupando esses postos, as autoras afirmam que a desigualdade de raça é mais acentuada que a de gênero.

Segundo a Pesquisa Mensal de Emprego (PME/IBGE, 2003), divulgada em junho de 2004, o salário recebido por hora trabalhada, em reais, era assim distribuído: homens brancos: 7,16; mulheres brancas: 5,69; homens negros: 3,45; e mulheres negras: 2,78⁴. Na pesquisa atual, foi observada uma tendência nesse sentido, mas não é possível afirmar nada em termos quantitativos, pois a participação de mulheres que se declararam negras na amostra foi muito reduzida (36 entrevistadas).

6. A formação complementar, a pós-graduação

45% das psicólogas da amostra possuem um título de especialista. Quando se trata dos títulos de mestre, 7% das entrevistadas o possuem.

26% das psicólogas cursaram nos últimos dois anos ou estão cursando atualmente uma especialização, 3% um mestrado e 1% estão em um programa de doutorado.

A maior parte (31%) dos títulos conquistados pelas psicólogas, sem distinções por nível da pós-graduação, é em Psicologia Clínica, seguindo-se a Psicologia Organizacional e do Trabalho (14%). A prevalência da Psicologia Clínica não é uma novidade na série histórica das pesquisas patrocinadas pelo CFP. Em 2004, ela correspondia a 45% dos cursos de pós-graduação feitos ou em andamento pelas psicólogas, enquanto a Psicologia Organizacional e do Trabalho era a área escolhida por 10%. Cabe aqui o comentário de Mello (1975), no sentido de que, dentre as áreas de atuação da Psicologia, a clínica estabeleceu-se rapidamente como a mais nobre e marcou de modo intenso não somente os currículos, como também o imaginário social em termos da figura do psicólogo.

⁴ Ver: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/PNPM.pdf>.

Um dado atual interessante é que a titulação em Psicologia Clínica é diretamente proporcional à idade, ou seja, há um percentual maior de títulos nessa área entre os mais velhos, enquanto na Psicologia Organizacional e do Trabalho acontece o inverso.

<i>Área da pós-graduação</i>	<i>Frequência em %</i>
Psicologia Clínica	31
Psicologia Organizacional e do Trabalho	14
Saúde	10
Psicopedagogia	9
Psicologia Escolar / Educacional	8
Psicologia Hospitalar	6
TCC – Terapias Cognitivo-Comportamentais	7
Psicologia do Trânsito	6
Psicologia Social	5
Psicanálise	4
Psicoterapia	3
Neuropsicologia	3
Psicologia Jurídica	3
Psicodrama	2
Saúde do Trabalhador	2
Acupuntura	1
Psicomotricidade	1
Outros (diversos)	7

Figura 10. Distribuição das psicólogas por área em que possuem um título de pós-graduação
Base: 662 respondentes. Respostas múltiplas e espontâneas.

Fonte: Dados da pesquisa

A Psicologia Clínica aparece em primeiro lugar (31%) também nos investimentos atuais em formação profissional complementar. A Psicologia Organizacional e do Trabalho aparece em segundo lugar (11%). A Psicanálise vem em terceiro (10%), e a Saúde em quarto (9%).

<i>Área</i>	<i>Frequência em %</i>
Psicologia Clínica	31
Psicologia Organizacional e do Trabalho	11
Psicanálise	10
Saúde	9

Psicologia Social	7
Psicologia do Trânsito	7
Psicologia Escolar / Educacional	5
Psicologia Hospitalar	5
TCC – Terapias Cognitivo-Comportamentais	5
Psicologia Jurídica	4
Psicopedagogia	4
Neuropsicologia	4
Psicoterapia	3
Violência doméstica/familiar	1
Acupuntura	1
Psicodrama	1
Outros (diversos)	7

Figura 11. Distribuição das psicólogas por área em que estavam fazendo algum investimento atual em formação complementar por ocasião da pesquisa
Base: 794 respondentes. Respostas múltiplas e espontâneas.
Fonte: Dados da pesquisa

Quando se desconsidera a questão da titulação, verifica-se que a primazia do interesse pela clínica – sem distinção por orientação teórica ou foco do atendimento – aparece com muito mais clareza. A pesquisa mostrou, ainda, que o interesse pela formação em Psicanálise cresce com a idade e que as mais jovens são mais interessadas pela formação em Psicologia Organizacional e do Trabalho.

7. Principais autores e autoras de referência

Quanto à orientação teórica, o autor mais citado como principal referência foi Freud (28%), e outros dois psicanalistas – Jung e Lacan – ficaram, respectivamente, em segundo e quinto lugares. No total, quase a metade (48%) dos citados são autores da Psicanálise.

Além disso, a análise das principais referências evidencia, mais uma vez, a prevalência do interesse pela clínica, já que a maior parte remete a autores cuja produção está vinculada a sua prática clínica.

Na pesquisa realizada pelo CFP em 2004, embora não se refira apenas às psicólogas, mas ao conjunto, sem distinção por sexo, Freud também aparecia como o mais citado, mas o percentual era bem menor (8%); Jung vinha em segundo lugar (4%); e, em quarto lugar, Lacan, Winnicott e Melanie Klein (2% cada um).

Portanto, a grande mudança em relação à pesquisa anterior foi o aumento dos percentuais de citação dos autores da Psicanálise, mas também de várias outras abordagens

teóricas. Com isso, a dispersão diminuiu bastante: a categoria “outros” (menos de 1% cada um), que incluía 59% das respostas em 2004, caiu em 2012 para 24%. Além disso, as que não indicaram nenhum autor de referência caiu de 23% para 15%.

Como nas duas pesquisas foram permitidas múltiplas respostas por respondente – uma pessoa poderia indicar mais de um autor ou autora, se não conseguisse escolher – pode-se supor que houve, de fato, uma mudança positiva, no sentido de uma maior definição das psicólogas quanto às suas referências.

Entre os brasileiros, Idalberto Chiavenato, Ana Bock, Paulo Freire e Jorge Ponciano Ribeiro foram os mais citados.

As psicólogas que não indicaram nenhum autor (15%) deram diversas justificativas (não lembro, não sei dizer agora, nenhum em especial, todos da área, etc.).

<i>Área da pós-graduação</i>	<i>Frequência em %</i>
Sigmund Freud	28
Carl Gustav Jung	7
Carl Rogers	6
B. F. Skinner	5
Jacques Lacan	4
Aaron Becker	4
D.W. Winnicott	3
Melanie Klein	3
J. L. Moreno	3
Fritz Perls	3
L. S. Vygotsky	3
Jean Piaget	2
Idalberto Chiavenato	2
William Reich	1
Ana Bock	1
Paulo Freire	1
Judith Beck	1
Michel Foucault	1
Jorge Ponciano Ribeiro	1
Alexander Lowen	1
Christophe Dejours	1

Salvador Minuchin	1
Outros (menos de 1% cada um)	24
Não indicaram ninguém	15

Figura 12. Distribuição das psicólogas por principal autor de referência em sua prática profissional

Base: 1179 respondentes. Respostas múltiplas e espontâneas.

Fonte: Dados da pesquisa

8. Relacionamentos e filhos

52,97% das entrevistadas moram na companhia de um parceiro do sexo oposto – marido, companheiro, noivo ou namorado – e 41,27% com filhos, filhas, enteados ou enteadas. 29% moram com seus pais ou avós, 10% com outras pessoas e 7% vivem sós. Menos de 1% declarou morar com parceira do mesmo sexo. O percentual de psicólogas que vivem com parceiro do sexo oposto é maior na região Sudeste e menor na Nordeste.

58,60% das entrevistadas têm filhos e/ou enteados. A pesquisa apontou aqui uma diferença importante por sexo, pois apenas 43,79% dos psicólogos declararam tê-los.

Outra diferença constatada foi quanto a ter ou não filhos por região do Brasil, que indicou as regiões Norte e Sudeste como aquelas onde estão os maiores percentuais das que os têm e, nas regiões Sul e Nordeste, os menores.

Portanto, a região Nordeste, além de ter menos psicólogas que moram com um parceiro do outro sexo, também apresenta uma menor proporção de psicólogas que são mães, enquanto na Sudeste temos a situação oposta. Destaque-se que, na população brasileira de uma maneira geral, a região Sudeste compreende as unidades da federação onde se verifica a taxa de fecundidade mais baixa – Rio de Janeiro e São Paulo. Os percentuais de psicólogas da região Sudeste que têm filhos, no entanto, acompanham de perto os da região Norte, onde as taxas de fecundidade são tradicionalmente mais elevadas.

<i>Regiões do Brasil</i>	<i>Frequência em %</i>
Norte	66
Sudeste	63
Centro-Oeste	57
Nordeste	54
Sul	53
Total Brasil	59

Figura 13. Psicólogas que têm filhos: total Brasil e por região

Base: 1331 respondentes. Resposta única e espontânea.

Fonte: Dados da pesquisa

As psicólogas brasileiras tendem a ter filhos após os 30 anos – apenas 16% são mães antes dessa idade –, uma tendência observada na população brasileira como um todo no período 2000-2010, em que o padrão de fecundidade das mulheres brasileiras sofreu alterações importantes:

A tendência observada até então era de rejuvenescimento, isto é, uma maior concentração dos níveis de fecundidade nas idades mais jovens. Em 2010, ocorre uma mudança, e os grupos de 15 a 19 anos e de 20 a 24 anos de idade, que concentravam 18,8% e 29,3% da fecundidade total em 2000, respectivamente, passaram a concentrar 17,7% e 27,0% em 2010. Para os grupos de idade acima de 30 anos, observa-se um aumento de participação, de 27,6% em 2000 para 31,3% em 2010. (IBGE, Censo demográfico 2010)

Cabe lembrar que essa tendência a uma maternidade mais tardia se consolida desde meados dos anos 80, o que as pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas interpretaram como uma indicação de que “a atividade produtiva fora de casa tornou-se tão importante para as mulheres quanto a maternidade e o cuidado com os filhos” (Bruschini e Lombardi, 2010b).

41% das psicólogas entrevistadas moram na companhia de filhos e/ou enteados.

49% é o percentual das psicólogas que moram com um parceiro do sexo masculino e também com filhos e/ou enteados.

8% das mulheres que têm filhos não moram nem com os filhos, nem com um parceiro, e outras 20% têm os filhos em sua companhia, mas não um parceiro.

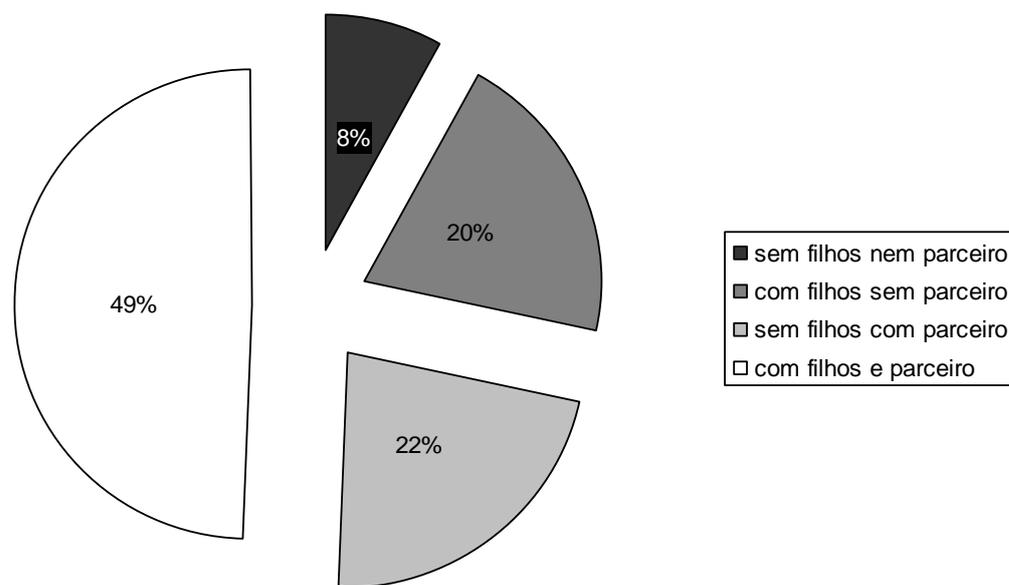


Figura 14. Psicólogas que têm filhos por situação de moradia com filhos e/ou enteados e com parceiros do sexo masculino

Base: 780 respondentes. Respostas múltiplas e estimuladas.

Fonte: Dados da pesquisa

O cuidado direto com filhos e/ou enteados ocupa grande parte do tempo de uma parcela considerável das psicólogas que exercem a função materna, principalmente até os 39 anos. 46% das entrevistadas, sem se levar em consideração a idade de seus filhos, dedicam quatro ou mais horas diárias ao cuidado com eles⁵. Como seria de se esperar, o percentual das que exercem esse cuidado, assim como o número de horas dedicadas a essa atividade, decresce à medida que a idade avança.

<i>Tempo de dedicação</i>	<i>Total</i>	<i>20 a 29 anos</i>	<i>30 a 39 anos</i>	<i>40 a 49 anos</i>	<i>50 a 59 anos</i>	<i>60 anos ou mais</i>
10 ou mais horas por dia	18%	46%	32%	13%	9%	1%
6 a 9 horas diárias	13%	22%	23%	14%	3%	1%
4 ou 5 horas diárias	14%	11%	22%	19%	6%	4%
3 horas diárias	4%	0%	3%	7%	4%	1%
2 horas diárias	5%	0%	5%	6%	6%	3%
Até 1 hora diária	1%	0%	0%	2%	1%	1%

⁵ Entre os psicólogos, esse percentual foi de 24%.

1 a 10 horas semanais	11%	14%	8%	13%	12%	8%
Não dedica tempo a esse cuidado	28%	8%	4%	20%	53%	77%

Figura 15. Tempo dedicado ao cuidado direto com filhos e/ou enteados

Base: 780 respondentes. Resposta única e espontânea.

Fonte: Dados da pesquisa

38% das psicólogas que têm filhos declararam já ter perdido alguma oportunidade profissional como consequência direta de precisar cuidar deles⁶. Nas regiões Sudeste e Nordeste isso ocorreu com mais frequência e nas regiões Sul e Centro-Oeste menos frequentemente.

Em *Mulheres, trabalho e família*, Bruschini e Lombardi (2010b) concluem que “o trabalho das mulheres não depende tão somente da demanda do mercado e de suas qualificações para atendê-la, mas decorre também de uma articulação complexa de características pessoais e familiares”. A presença de filhos, associada ao ciclo de vida das trabalhadoras, à sua posição no grupo familiar – como cônjuge, chefe de família etc. –, à necessidade de prover ou complementar o sustento do lar, são fatores sempre presentes nas decisões das mulheres de ingressar ou permanecer no mercado de trabalho. Essa última decisão, certamente, é mais premente para as chefes de família, segmento que só tem aumentado no Brasil: apenas nos últimos cinco anos analisados, sua proporção na população residente passou de 25,5% para 33% (IPEA, 2009).

<i>Regiões do Brasil</i>	<i>Frequência em %</i>
Sudeste	45
Nordeste	43
Norte	38
Centro-Oeste	33
Sul	33

Figura 16. Psicólogas que perderam alguma oportunidade de trabalho como consequência da necessidade de cuidar dos filhos, por região do Brasil

Base: 780 respondentes. Resposta única e espontânea.

Fonte: Dados da pesquisa

54% das psicólogas que cuidam de filhos ou enteados pelo menos uma hora diariamente contam com a ajuda do marido, companheiro, noivo ou namorado nessa tarefa.

⁶ Entre os psicólogos, esse percentual foi de 22%.

31% são ajudadas por outra mulher de sua família e 26% por uma babá, empregada doméstica etc. 9% têm a ajuda de um familiar do sexo masculino, 3% do “ex”, 1% de uma parceira e 10% afirmaram não contar com ninguém, sendo as únicas a se ocuparem dos cuidados com seus filhos.

<i>Quem ajuda</i>	<i>Frequência em %</i>
Parceiro	54
Familiar do sexo feminino	31
Empregada doméstica	26
Familiar do sexo masculino	9
Ex-parceiro	3
Parceira	1
Ninguém	10

Figura 17. Quem compartilha com as psicólogas o cuidado com os filhos, no caso das que dedicam pelo menos uma hora de seu tempo, diariamente, a esse cuidado
Base: 439 respondentes. Respostas múltiplas e espontâneas.
Fonte: Dados da pesquisa

A pesquisa constatou, ainda que, entre as jovens de 20 a 29 anos que já têm filhos, 43% moram com sua família de origem.

9. O trabalho doméstico

A maioria das psicólogas (64%) dedica no máximo duas horas diariamente aos trabalhos domésticos em geral (lavar roupa, lavar louça, limpar a casa, compras em supermercado, etc.). 32% usam três ou mais horas diárias nessas atividades. 20% têm pouco ou nenhum envolvimento com esse tipo de trabalho.

<i>Tempo dedicado</i>	<i>Frequência em %</i>
3 ou + horas	32
1 ou 2 horas	44
Só nos fins de semana	8
Não faz trabalhos domésticos	12
Não responderam	4

Figura 18. Tempo que as psicólogas dedicam ao trabalho doméstico
Base: 1331 respondentes. Resposta única e espontânea.
Fonte: Dados da pesquisa

Esses dados sugerem uma média um pouco abaixo da realidade brasileira, pois, no Brasil, em 2009, as mulheres dedicaram, em média, 22 horas semanais aos trabalhos domésticos, o que

aponta para uma média diária em torno de três horas. No caso das psicólogas, essa média ficaria entre uma e duas horas⁷.

Embora o objetivo deste texto não seja estabelecer um comparativo entre os psicólogos e as psicólogas, é interessante anotar que os psicólogos dedicam muito menos horas a esses trabalhos que as psicólogas: 15% dedicam três ou mais horas diárias a esses afazeres e 84% no máximo duas horas. No entanto, quanto ao percentual dos que não se ocupam ou se ocupam muito pouco com serviços domésticos, não há diferença significativa: são 23% ante 20% das psicólogas.

<i>Tempo dedicado</i>	<i>Psicólogas (%)</i>	<i>Psicólogos (%)</i>
3 ou + horas	32	15
1 ou 2 horas	44	60
Só nos fins de semana	8	5
Não faz trabalhos domésticos	12	18
Não responderam	4	1

Figura 19. Tempo que as psicólogas e os psicólogos dedicam ao trabalho doméstico
Bases: 1331 psicólogas e 169 psicólogos. Resposta única e espontânea.

Fonte: Dados da pesquisa

Conforme lembram Guimarães e Petean (2012) e Siqueira (2002), apesar das mudanças visíveis que implicam a maior participação masculina no trabalho doméstico, a divisão das tarefas avança lentamente: para homens e mulheres ainda é "natural" que mulheres sejam as principais (talvez as únicas) responsáveis pelo cuidado dos filhos e serviços domésticos. Considerando os dados da "Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio" (IBGE, 2009), as mulheres brasileiras exercem 82% dos afazeres domésticos, enquanto os homens executam 18%.

53% das psicólogas dividem o trabalho doméstico com uma pessoa remunerada para tanto. Outras 20% têm a ajuda de familiar do sexo feminino. Apenas 13% das psicólogas indicaram o marido, companheiro ou namorado como uma pessoa com quem dividem essa tarefa. 16% não compartilham o trabalho da casa com ninguém.

Também apareceram diferenças marcantes por sexo tanto quanto à divisão do trabalho com parceiro/parceira quanto com ajudante remunerada.

<i>Quem ajuda</i>	<i>Psicólogos (%)</i>	<i>Psicólogas (%)</i>
Ajudante remunerada	26	53

⁷ O formato de organização dos dados, em faixas, não permite calcular a média exata.

Parceiro do sexo oposto	48	13
Familiar do sexo feminino	20	20
Familiar do sexo masculino	11	4
Ninguém	10	16

Figura 20. Quem auxilia as psicólogas e os psicólogos no trabalho doméstico
Bases: 1010 psicólogas e 128 psicólogos. Respostas múltiplas e espontâneas.
Fonte: Dados da pesquisa

10. O cuidado de si

A pesquisa perguntou às entrevistadas de quantas horas diárias dispõem diariamente para cuidar de si próprias, esclarecendo: “ou seja, para descansar, praticar atividades físicas, lazer, cuidados corporais, etc.” A maioria (69%) dedica entre uma e três horas. Isso é pouco, muito ou suficiente? Não é possível afirmar nada nesse sentido, pois o que ficou evidente, segundo o depoimento dos entrevistadores, foi a grande disparidade das entrevistadas na interpretação do que é “cuidar de si”. Para algumas, o tempo que passam com os filhos é incluído nessa conta. Para outras, conta apenas o tempo em que se dedicam a cuidados com seu corpo (academia, massagem, etc.), sua saúde (hidroterapia, RPG, yoga, etc.) ou similares (psicoterapia, por exemplo). O que chama mais atenção nesse quadro são os 13% que afirmaram não ter tempo para cuidar de si.

<i>Tempo dedicado diariamente</i>	<i>Frequência em %</i>
1 hora	24
2 horas	31
3 horas	14
4 ou 5 horas	9
6 horas ou mais	5
Não dispõem de tempo para cuidar de si	13

Figura 21. Horas de que as psicólogas dispõem diariamente para cuidar de si
Base: 1331 respondentes. Resposta única e espontânea.
Fonte: Dados da pesquisa

11. Experiências pessoais como vítimas de violência física ou psicológica

27% das psicólogas afirmaram ter sofrido uma violência em algum momento de suas vidas. Em geral, remetem o ocorrido à adolescência ou vida adulta. Esse dado corresponde à proporção de uma em cada quatro mulheres vítimas de violência doméstica levantadas pelos

números do *Anuário das Mulheres Brasileiras 2011*, divulgado pela Secretaria de Políticas para as Mulheres e pelo Dieese.

<i>Sofreu violência? Quando?</i>	<i>Frequência em %</i>
Sim, nos últimos 12 meses	2
Sim, há mais de 12 meses (da adolescência à vida adulta)	16
Sim, durante a infância (até os 12 anos)	8
Não, nunca	72
Não lembra	1
Recusou-se a responder	1

Figura 22. Psicólogas que foram vítimas de violência física ou psicológica e quando isso ocorreu

Base: 1331 respondentes. Resposta única e estimulada

Fonte: Dados da pesquisa

Entre os tipos de violência sofridos por psicólogas, os predominantes foram a agressão verbal, agressão física e assédio moral. 11% das psicólogas já sofreram violência sexual.

<i>Qual o tipo de violência?</i>	<i>Frequência em %</i>
Agressão verbal	56
Agressão física	31
Assédio moral	26
Assédio sexual	15
Violência sexual	11
Recusou-se a responder	6

Figura 23. Distribuição das violências sofridas pelas psicólogas que se afirmaram vítimas de violência em algum momento de suas vidas, por tipo de violência

Base: 353 respondentes que sofreram violência. Respostas múltiplas e estimuladas

Fonte: dados da pesquisa

Foi solicitado às entrevistadas que avaliassem o impacto da violência que sofreram, classificando-a como muito grave, grave ou leve. Praticamente a metade considerou “grave” a violência sofrida.

<i>Impacto da violência</i>	<i>Frequência em %</i>
Muito grave	24
Grave	49

Leve	26
Não sabe avaliar	1

Figura 24. Distribuição das psicólogas que se afirmaram vítimas de violência em algum momento de suas vidas, por (auto)avaliação do impacto da violência

Base: 353 respondentes. Resposta única e estimulada

Fonte: Dados da pesquisa

22% apontaram como autores da violência sofrida parentes ou familiares (excetuando-se o cônjuge). Em segundo lugar (13%), vêm os superiores hierárquicos e logo em seguida os “ex” (12%). A figura 25 apresenta a discriminação das demais autorias.

<i>Autor(a) da violência</i>	<i>Frequência em %</i>
Parente ou familiar (exceto cônjuge), do sexo masculino	22
Chefe (superior hierárquico)	13
Ex-companheiro, cônjuge, marido ou namorado (do sexo masculino)	12
Desconhecido, do sexo masculino	9
Parente ou familiar (exceto cônjuge), do sexo feminino	8
Companheiro, cônjuge, marido, namorado (do sexo masculino)	6
Colega de trabalho	5
Colega de escola	3
Vizinho, do sexo masculino	2
Vizinha (do sexo feminino)	1
Outro	12
Não lembra / Não sabe dizer	1
Preferiu não responder / Recusou-se a responder	5

Figura 25. Distribuição das psicólogas que se afirmaram vítimas de violência em algum momento de suas vidas, por autoria da violência

Base: 353 respondentes. Resposta única e estimulada

Fonte: Dados da pesquisa

12. Considerações finais

A psicologia brasileira é majoritariamente feminina, ou seja, nove entre dez pessoas que exercem a profissão no Brasil são mulheres. Não apenas a superioridade numérica, mas também a proporção entre psicólogos e psicólogas não parece ter sofrido alterações, pelo menos desde o final da década de 1980.

A população de psicólogas no Brasil tem um viés de raça/cor bastante acentuado em relação aos dados da população geral, ou seja, as mulheres que se declararam pardas e negras estão sub-representadas na profissão, o que reflete a desigualdade de oportunidades de acesso ao ensino superior.

98% dessas mulheres estão conectadas com o mundo, ao menos em tese, por meio da Internet. Consequentemente, não importa onde estejam no vasto território do país, não estão inacessíveis à informação e ao debate. Além disso, é uma população em que muitas se especializam e buscam outros cursos, embora poucas vão atrás de um título acadêmico – mestrado ou doutorado.

No entanto, a pesquisa mostra uma população na qual um grande contingente ou não exerce a profissão ou não a tem como atividade principal. Além disso, entre as que a exercem, parcela considerável trabalha em tempo parcial e a remuneração, de uma maneira geral, não é alta.

Quase a metade não vive em companhia de um parceiro e apenas um pouco mais da metade têm filhos. Mas a pesquisa mostra, ainda, que, entre as que dividem um teto com um parceiro, são minoria as que contam com eles para as tarefas domésticas. Além disso, entre aquelas que são mães, apenas 53% contam com seu parceiro no cuidado com os filhos. Muitas têm a ajuda de outra mulher – ajudante remunerada ou familiar – para essas tarefas.

A pesquisa retrata, portanto, a princípio, que as psicólogas brasileiras formam uma população que enfrenta problemas muito semelhantes aos relatados na literatura que trata da desigualdade entre os sexos quanto às questões relacionadas ao trabalho e à sua remuneração, à distribuição do cuidado com os filhos e do trabalho doméstico, ao suporte de outras mulheres para fazer frente a esse tipo de demanda e à violência. Nesse sentido, não se distinguem significativamente das mulheres com as quais, como profissionais da psicologia, atendem, interagem ou, de alguma forma, têm contato. Quais os efeitos dessa semelhança sobre o exercício da Psicologia no Brasil? Entendemos que essa é uma questão necessária para quem se preocupa com a repercussão de sua prática sobre aqueles e aquelas que contam com ela.

Os dados sugerem, também, um cenário em que cerca de 1/4 dessa população não está diretamente implicado nas questões próprias ao exercício da profissão, postas pela prática em seus desafios cotidianos, na medida em que não a estão exercendo ou a têm como uma atividade secundária. Essas e outras questões suscitadas pela pesquisa quantitativa estimularam a realização de outras análises e de uma pesquisa qualitativa, ora em andamento, que poderão dar ainda maior visibilidade à questão da predominância feminina no exercício da Psicologia no

Brasil e seus possíveis efeitos sobre a definição de sua prática, de sua produção teórica e sobre suas repercussões nos planos da sociedade e da cultura.

Referências

- Anuário das mulheres brasileiras 2011*. Disponível em http://www.sepm.gov.br/publicacoes-teste/publicacoes/2011/anuario_das_mulheres_2011.pdf. Acessado em: 23 de fevereiro de 2013.
- Bastos, A.V.B.; Gondim, S.M.G. (Orgs.). (2010). *O trabalho do psicólogo no Brasil*. Porto Alegre: Artmed.
- Bruschini, C.; Lombardi, M. R.; Mercado, C. M.; Ricoldi, A. (2011). Trabalho, renda e políticas sociais: Avanços e desafios. In: Pitanguy, J.; Barsted, L. L. (2011). *O Progresso das mulheres no Brasil: 2003-2010* (pp. 142-178). Rio de Janeiro: CEPIA.
- Bruschini, C.; Lombardi, M. R. (2001). Instruídas e trabalhadeiras. Trabalho feminino no final do século XX. *Cadernos Pagu*, 17/18(2), 157-196.
- Bruschini, C.; Lombardi, M.R. (2010c). *Série 1. Mulheres no mercado de trabalho. Grandes números*. Fundação Carlos Chagas. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/bdmulheres/series.php>. Último acesso em: 20 de fevereiro de 2013.
- Fundação Carlos Chagas. (2010a). *Série 8. Ganhos de homens, ganhos de mulheres*. Disponível em <http://www.fcc.org.br/bdmulheres/serie2.php?area=series>. Último acesso em 20 de fevereiro de 2013.
- Fundação Carlos Chagas. (2010b). *Série 2. Mulheres, trabalho e família*. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/bdmulheres/serie2.php?area=series>. Último acesso em 20 de fevereiro de 2013.
- Eu, mulher, psicóloga e negra. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, 4(2), 1984. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931984000200004&lng=pt&nrm=iso>. Último acesso em: 30 de setembro de 2012.
- Guimarães, M.G.V.; Petean, E.B. (2012). Carreira e família: divisão de tarefas domiciliais na vida de professoras universitárias. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 13(1).
- IPEA. PNAD 2009. Primeiras análises: tendências demográficas. Comunicados do IPEA, 64, 13 de outubro de 2010. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/101013_comunicadoipea64.pdf. Último acesso em: 21 de fevereiro de 2013.
- IBGE. (2009). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Síntese de indicadores 2009. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/pnad_sintese_2009.pdf>. Último acesso em: 22 de janeiro de 2013.
- IBGE. (2003). Pesquisa Mensal de Emprego (PME); retrospectiva 2003-2011. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000007325001102012503726116099.pdf>. Último acesso em: 21 de fevereiro de 2013.

MACEDO, João Paulo; SOUZA, A.P.; CARVALHO, D.M.; MAGALHÃES, M.A.; SOUZA, F.M.S; DIMENSTEIN, M. O psicólogo brasileiro no SUAS: quantos somos e onde estamos? *Revista Psicologia em Estudos*, 16(3), pp. 479-489, jul./set. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n3/v16n3a15.pdf>. Último acesso em: 24 de fev. de 2013.

MELLO, S.L. (1975). Psicologia: características da profissão. *Boletim de Psicologia XXVI*, pp. 41-50.

OSÓRIO, R. G. (2003). *O Sistema classificatório de cor ou raça do IBGE*. Brasília: IPEA. (Textos para discussão)

OSÓRIO, R. G. (2009). Classe, raça e acesso ao ensino superior no Brasil. *Cadernos de pesquisa*. 39 (138), pp. 867-880, set./dez..

PETRUCCELLI, J. L. (2000). *A cor denominada*. Rio de Janeiro: IBGE. (Texto para Discussão, 3)

ROCHA, E. J.; ROSEMBERG, F. (2007). Autodeclaração de cor e/ou raça entre escolares paulistanos(as). *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, 37(132), pp. 759-799, set./dez.

SIQUEIRA, M. J. T. (2002). Sobre o trabalho das mulheres: contribuições segundo uma analítica de gênero. *RPot.*, 2(1), 11-30, jan/ jun.

Pesquisa de Opinião IBOPE – Psicólogo brasileiro. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/publicacao/pesquisa-de-opinio-ibope-psicologo-brasileiro/> . Último acesso em: 21 de fevereiro de 2013. Pesquisa de opinião com psicólogos inscritos no Conselho Federal de Psicologia realizada em 2004.